

Maria, mulher toda de Deus

Maria, All Woman of God

FRANCILAIDE DE QUEIROZ RONSI*

Resumo: A Igreja reconhece que somente Deus é capaz de honrar Maria como ela merece. Como mãe do Filho de Deus, foi a mulher que mais intimamente esteve ligada ao mistério do Deus revelado em Jesus. Aqueles que encontram nela uma maternidade espiritual se aproximam dela no reconhecimento de sua humanidade e de sua historicidade. Inseparável do seu Filho, Maria vai se descobrindo naquele que a chamou, entregando-se à vontade misteriosa e exigente, mas misericordiosa de seu Deus. Progride em seu caminho de fé, alarga o seu coração e acolhe, em uma maternidade espiritual, a Igreja nascente. Ela é a pedagoga dos cristãos na festa da Nova Aliança.

Palavras-chave: Maria. Filho. Historicidade. Humanidade.

Abstract: The Church recognizes that only God is able to honor Mary as she deserves. As the mother of the Son of God, she was the woman that most intimately was connected with the mystery of the God revealed in Jesus. Those who find in her a spiritual maternity, approach her in the recognition of her humanity and her historicity. Inseparable from her Son, Mary keep discovering herself in the One who called her, surrendering to the mysterious and demanding but merciful will of her God. She advances in her path of faith, extends her heart and welcomes, in a spiritual maternity, the newborn Church. She is the pedagogue of Christians in the New Covenant celebration

Keywords: Maria. Son. Historicity. Humanity

* Francilaide de Queiroz Ronsi é doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio e professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: francilaideronsi@hotmail.com

Introdução

A Igreja, em sua liturgia, não cessa de render honras à Maria, àquela que, em muito engrandeceu a Deus. E mesmo assim tem a consciência de que não será capaz de agradecer-lá o suficiente. Somente Deus é capaz de honrá-la, plenamente, como ela merece. Sua grandeza encontra-se no fato de lhe ter sido designada uma colossal missão: ser a mãe do Filho de Deus. Desta forma, foi a mulher que mais intimamente esteve ligada ao mistério do Deus revelado em Jesus.

Então, como é possível se aproximarem dessa mulher, os que encontram nela uma maternidade espiritual? Procurando responder à essa pergunta, apresentaremos Maria, mulher, mãe e discípula, inseparável do seu Filho, como aquela que foi ao longo do tempo descobrindo quem era, a partir daquele que a chamou, no momento da Anunciação.

Em seguida, encontraremos com aquela que guardava todas as coisas em seu coração, que avança em sua fé, à medida que vai compreendendo a identidade e a missão do seu Filho, que se entrega à vontade misteriosa e exigente, mas misericordiosa de seu Deus.

E, assim progredindo em seu caminho de fé, ela conservou-se fiel e solidária ao seu Filho até à cruz. Diante da cruz se solidariza à dor de todos, assumindo, no Calvário, além de sua dor, o sofrimento do seu Filho. Acolhendo o discípulo amado, ela alarga seu coração e acolhe, em uma maternidade espiritual, a Igreja nascente.

Por fim, veremos que, em Maria, o Espírito Santo fez sua morada, que ela foi seu Templo vivo. O Espírito de Deus não apenas fecundou o seu ventre, como também fortaleceu a sua fé.

Neste caminho ela vai encontrando-se como mãe e discípula de seu Filho, torna-se profetiza da justiça e da misericórdia de Deus na história de seu povo. Solidária à dor de todos, torna-se pedagoga dos seres humanos na festa da Nova Aliança, constituída em seu Filho. No reconhecimento de sua humanidade e historicidade é possível uma aproximação de seu testemunho na vida de todos os que desejam realizar a vontade de seu Filho.

1 Maria diante do anjo

Maria entra na História da Salvação quando, a partir da escuta atenta às palavras do anjo, aceita o surpreendente desígnio de Deus para a sua vida. No

seu 'sim' inicia-se o mistério da Encarnação, realizando-se nela para todos os seres humanos. Nela o Verbo assumiu, como próprio, aquele corpo que havia de oferecer pela humanidade. E, antes mesmo de conceber o seu filho em seu corpo, ela o concebe em seu coração, em sua alma. Nessa acolhida ela assume uma missão e vai descobrindo-se quem é, a partir daquele que a chamou.

Quando o anjo lhe diz, “não temas, Maria! Encontraste graça diante de Deus” (Lc 1,30), ela, perturbada com as suas palavras, interroga-o querendo saber o que significaria tal saudação. Neste diálogo, em que se revela o seu desconforto, nos deparamos com o comportamento de todos aqueles que se dedicam a procurar o sentido mais profundo da palavra e do mistério que envolvem uma missão, descortina-se diante de si a atuação de Deus em sua vida e na história de um povo.

O mistério envolvia a jovem Maria, no entanto, mesmo sem entender o que poderiam significar as palavras do anjo, não se resigna. Pelo contrário, em seu coração, abre um espaço para meditar no que estava acontecendo. O mistério era um convite à sua entrega na fé. Não lhe é possível, nesse momento, entender claramente tudo que lhe ocorre, assim empreende para toda a sua vida, uma escuta atenta e confiante para o que Deus lhe reservava.

O anúncio da Encarnação do Filho de Deus, “conceberás no teu seio e darás à luz um filho” (Lc 1,31), está inserido no mistério da Trindade, pois o Senhor está com ela (Lc 1,28), trata-se de *Iahwe*, a quem ela já conhecia. Maria possuía uma íntima relação de amor e de obediência ao seu Deus, o Senhor do seu povo. Ela esperava junto com a sua comunidade religiosa o cumprimento de suas promessas, anunciadas pelos profetas.

Nessa relação insere-se o diálogo no seu encontro com o anjo. Esse diálogo se dá a partir de sua realidade como pessoa de fé, com uma mulher diante de sua vontade e de seus sonhos. Ela quer compreender, mesmo que ainda de forma limitada, o que está acontecendo. Por isso, diante de uma escuta atenta, as suas perguntas são cuidadosamente acolhidas.

E assim, diante da dúvida de como isso poderia acontecer, ela tem como resposta do anjo: “o Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (Lc1,35). A Trindade envolve Maria, nela a promessa se cumpre. Nesta vida, neste corpo, Deus vem ao encontro de Maria, e encontra uma pessoa, uma história, uma memória, uma vontade.

Maria, como nos diz Murad,

é mais do que terra vazia à qual vem o Espírito de Deus para criar. É mais do que um templo ou tabernáculo onde a nuvem de Deus se torna visível. Maria é uma pessoa, e o seu encontro com Deus deve ser tematizado a partir de sua realidade pessoal: a presença do Espírito em Maria implica uma série de traços de diálogo interpessoal e liberdade, de chamado e resposta, de amor e de obediência (2012, p. 87).

A manifestação do poder de Deus se atualiza na forma de diálogo. Momento em que a palavra de Deus encontra-se diante da liberdade amorosa e confiante do ser humano. Logo não é possível separar a ação do Espírito Santo da atitude da pessoa de Maria.

Ela acolhe a promessa de Deus em sua vida e se converte em expressão do Espírito Santo, quando responde: “Eis-me aqui, sou a serva do Senhor; cumpra-se em mim aquilo que disseste”. (Lc 1,38). Maria torna-se mãe do Salvador pela ação criadora desse Espírito. Na Tradição cristã, Maria é considerada a nova tenda do encontro, na qual, pela força do Espírito, Deus se encontra com a humanidade, por meio da encarnação de seu Filho. Nela contempla-se a ação de Deus.

O diálogo entre Maria e o anjo se insere, assim como aconteceu com Abraão, em uma prospectiva histórica. Seguindo o exemplo de Abraão que, a convite de Deus, abandona a sua segurança e se coloca a caminho para terras desconhecidas (Gn 12,1-2), também Maria se põe às pressas a caminho para as montanhas (Lc 1,39). Recordamos que a fé de Abraão marca o início da Antiga Aliança e que a fé de Maria, na anunciação, dá início à Nova Aliança (JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater*, n.14 e 17).

A ida de Maria, às pressas, para as montanhas da Judeia (Lc 1,39), revela a prontidão que teve em se colocar disponível para cuidar de sua prima. No entanto, indo além de uma atitude solícita, quis também confirmar e ser confirmada em sua fé. Uma fé que precisava ser testemunhada, compartilhada e colocada a serviço. Significa que ela colocou em prática a palavra auscultada do anjo, dando um novo sentido à missão de todos os que escutam o chamado de Deus e que o atentem por meio da fé.

Quando Maria atravessa a soleira da casa e se encontra com a sua prima Isabel, essa de imediato exclama: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42). Isabel é a primeira pessoa, de que temos notícia, a acolher a Boa Nova que traz a sua prima. Maria é o lugar em que se dá a

revelação do Mistério da encarnação, ela é a portadora da salvação, ela traz consigo, em seu ventre, a salvação.

Nesse encontro, Isabel destaca o gesto acolhedor que teve Maria diante da proposta do anjo. Ela é “aquela que acreditou” (Lc 1,45) e, mesmo sem entender como tudo se realizaria, não a recusou. Nessa atitude, “Maria progrediu no caminho da fé e conservou fielmente a sua união com o Filho até a cruz” (CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 58). Eis um encontro entre duas mulheres grávidas que, do mistério que envolve as suas vidas, transformam-se em grandes missionárias.

A fé de Maria é a razão da sua maternidade, ela “acreditou e nela se realizou aquilo em que acreditou” (SANTO AGOSTINHO, 1986, n. 4). O que o anjo falou para Maria se confirma na fala de sua prima Isabel: ela será a mãe do “Filho do Altíssimo”, daquele “que reinará para sempre” (Lc 1,32-33).

Ser a mãe do Filho de Deus, vocação que recebeu Maria, possibilitou para toda a humanidade a revelação de Deus presente no mistério da encarnação, iniciando o seu plano salvífico para toda a sua criação. O nascimento de Jesus revela um novo tempo, um novo modo de vida, ele traz as primícias da Nova Criação.

Segundo o papa emérito Bento XVI,

ela é a verdadeira Sião, a quem se dirigem as esperanças em todas as desolações da história. Ela é o verdadeiro Israel, em quem a Antiga e a Nova Aliança, Israel e a Igreja, são uma coisa só, inseparável. Ela é o ‘Povo de Deus’, que dá fruto a partir do poder da graça de Deus (2013, p. 33).

Assim como Abraão, Maria acreditou e esperou. Ela não se deixou abalar pela desconfiança, manteve-se firme na confiança de que seriam cumpridas as promessas de quem lhe falara (Rm 4,18). Com um coração e uma vida entregues, ela vai realizando o seu itinerário de fé em direção a Deus. Atenta aos sinais que, quase como um véu, vão se descortinando diante de seus olhos, ela aproxima-se do mistério do seu Filho e com ele se relaciona com intimidade, vendo-o crescer em sabedoria e graça diante de Deus e de todos.

No decorrer dos acontecimentos, ela vai experimentando o cuidado de quem a chamou. E quando é chegada a hora de apresentar o seu Filho ao Templo, ela se surpreende com as palavras do ancião, Simeão. Ele, tendo diante dos seus olhos e em seus braços o menino Jesus, traduz o significado daquele

momento, quando diz que o menino será oferecido para a salvação de todos os povos, sua missão é universal, “ele é a luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, Israel” (Lc 2,32). Simeão contempla e toca aquele que era a promessa de Deus para Israel, agora não mais sob uma nuvem misteriosa, mas em carne. Todos podem vê-la, contemplá-la e tocá-la.

E assim, vivendo uma experiência que é comum a todas as mulheres, ela se depara com uma dolorosa realidade, pois vai entendendo que não tem um Filho todo seu, embora consagrado a Deus, mas é a mãe do Filho de Deus, que pertence somente a Deus, que é Deus e do qual deverá afastar-se pouco a pouco, deixando-o totalmente disponível para a sua missão messiânica (THURIAN, 1964, p. 117). Confiando em Deus ela compartilha da missão de Jesus, solidarizando-se com ele até o fim. Assim vai se descobrindo mãe e discípula de seu Filho.

A jovem mãe terá que aprender a conviver, mesmo sem compreender, com os olhares, com as palavras e as atitudes de muitas pessoas que encontrará em seu caminho, por causa do seu Filho. Essa situação alargará o seu coração, nele guardará todas as coisas, na esperança de se cumprirem as promessas de seu Deus.

2 Maria: memória e silêncio

O evangelista Lucas deixa transparecer, em seu texto, os sentimentos de Maria, os seus momentos de dúvidas e de certezas. Nem tudo é claro e compreensível para ela. Lucas, por duas vezes, observa que “ela guardava todas estas coisas, meditando-as em seu coração” (Lc 2,19.51). A palavra “coração”, no judaísmo, significa “mente”, “memória”, “espírito”. No grego *synterei* é um termo que significa um método no qual a aprendizagem incidia em guardar a memória, lembrar (GIOIA, 1998, p. 44).

Maria ampara o sentido mais profundo de todos os acontecimentos que perpassam a sua memória, e o que não consegue compreender remetem-na à lembrança do mistério do Pai do qual teve o anúncio formal na encarnação (LINA, 2016, p.64). O seu comportamento nos leva a acreditar que o caminho que realiza é o de penetrar nesse mistério, de procurar ressignificar a sua história a partir desse acontecimento, pois não lhe é possível afastar a sua vida da vida de seu Filho. Tudo que lhe acontece está envolto pelo mistério que envolve Jesus.

Por isso, vai guardando em seu coração, refletindo, meditando, procurando o sentido de tudo que não conseguia entender. Mantendo a lembrança dos fatos, vai fazendo memória (Lc 2,51), para não só impedir o esquecimento, mas para manter viva a sua história, para poder contemplar o que se desvela diante dos seus olhos, para poder ser grata a seu Deus. Isso era algo constante em sua vida, era o seu jeito de ser e de viver.

Não temos notícias, mas talvez tenha ficado noites em claro, procurando entender o que seus olhos enxergavam e o que seu corpo sentia diante de tudo o que via e ouvia sobre o seu Filho. Maria carregava um hábito que marcava a espiritualidade do Povo de Israel: a memória e a recordação. Ela procurava interpretar, a partir de sua experiência de fé, os sinais históricos que chegavam em forma de mistério. Encontramos nos textos sagrados, continuamente, o apelo para que, recordando o passado, tenhamos gravado na mente e no coração como Deus fez maravilhas pelo seu povo, como o escolheu e lhe deu uma missão (Dt 4,32-40).

O povo faz memória para não esquecer a fidelidade de seu Deus, para não se afastar dEle. Trata de recordar para voltar à consciência tudo o que Deus fez e voltar-se para Ele. Maria faz essa experiência, ela sabe que não a vive sozinha, o Espírito de Deus a acompanha.

Não se trata de uma recordação mecânica, mas de uma reflexão, de uma meditação, para interpretar o sentido profundo daquilo que foi ouvido e que está sendo vivido. Maria procura “descobrir um sentido para tudo o que vem acontecendo, descobrindo os planos de Deus ocultos sob o véu dos acontecimentos” (RAVASI, 1989, p. 203 *et seq.*).

Atenta, Maria escuta os pastores relatando maravilhas diante do menino recém-nascido, “e todos os que os ouviam ficavam maravilhados” (Lc 2,17-18); o profeta Simeão revela que o menino será “sinal de contradição e que o coração da mãe será traspassado por uma espada” (Lc 2,34-36). Diante de tudo que ouve, ela não se perturba. Embora a sua mente não consiga penetrar o sentido profundo das palavras ouvidas, procura assimilar as informações paradoxais que escuta sobre o Filho e do próprio Filho, e se esforça para estabelecer relações entre elas.

A presença de Maria nos evangelhos, além de discreta, é marcada pelo silêncio. Desde a espera do nascimento de Jesus, seguida das desconfianças de José, tudo ela guardava em segredo, no seu coração. Ela confia em Deus.

Mais eloquente e desconcertante torna o seu silêncio durante a paixão do seu Filho. Nesse momento ela descobre o silêncio como a linguagem da cruz. Em toda a sua vida ela suporta as lutas, as aflições e as incertezas, mantendo em seu coração o que não conseguia entender. No entanto, diante do seu Filho, na cruz em que o silêncio os envolve, o diálogo é comunhão.

“Maria torna-se modelo do ‘diálogo interior’. Antes de dialogar com os outros, ela fala com Deus e perscruta a sua consciência” (GIOIA, 1998, p. 47). Seu silêncio tem seu fundamento na intimidade que tem com o seu Filho. Segundo S. João da Cruz, “o Pai pronunciou uma palavra e esta foi seu Filho e ela sempre fala num silêncio eterno e no silêncio ela deve ser ouvida pela alma” (1957, p. 477).

No diálogo entre mãe e Filho, Maria aprofunda o caminho do ‘diálogo interior’. Nesse caminho ela encontra a fé, que vai se tornando mais profunda quanto mais frequente, insistente e apaixonada a adesão aos ensinamentos do seu próprio Filho.

Assim, palavra e silêncio tecem a trama do diálogo. Existe um encaideamento tão íntimo entre ambas que não podem existir isoladamente. “A palavra não tem sentido completo e não consegue uma penetração profunda sem o espaço do silêncio que a antecede, que a acompanha e que a confirma” (MARCHESI, 1987, p. 375). No silêncio Maria pode fazer memória, esperar e contemplar, através dos passos do seu Filho, a descoberta que fazia de si mesma, de sua vida e de missão.

3 A solidariedade diante da cruz de seu Filho

Maria, diante da cruz, tem sua fé “perfeitamente unida a Cristo no seu despojamento [...]. Isso constitui, talvez, a mais profunda *kénosis* da fé na história da humanidade” (JOÃO PAULO II, *op. cit.* n. 18). Ela entendeu, ao pé da cruz, que muitas vezes nos é pedido um sim diante do incompreendido, assim como já lhe havia ocorrido na Anunciação, ela prova da mesma fé com a qual havia acolhido a revelação do anjo. E mais uma vez sua entrega é total.

Não sabemos de nenhuma palavra que Maria tenha dirigido ao seu Filho nesse momento. Talvez porque no encontro de uma mãe com o seu filho que é condenado, o diálogo constitui-se na linguagem eloquente da presença em comunhão. Em Maria, essa presença silenciosa significa participação viva e uma aceitação total do mistério que estava se cumprindo. Ela revive em sua

memória o momento da Encarnação, lembrando as palavras do anjo, traz ao coração as experiências de vida de Jesus e compartilha de sua Paixão diante da cruz. No cumprimento das promessas de Deus, ela compartilha a dor do seu Filho, compreende, finalmente, as palavras do profeta Simeão, quando disse: “uma espada traspassará tua alma” (Lc 2,35).

Ainda não é chegado o fim. Maria redescobre a sua missão diante da cruz quando escuta do seu Filho: “Mulher, eis teu Filho. Filho, eis tua mãe” (Jo 19,26). É-lhe confiada a incumbência para acompanhar João, o discípulo que seu Filho amava. Maria encontra no discípulo amado o sentido de sua missão: receber a nova maternidade, a do Corpo de Cristo na pessoa desse discípulo. Todo o amor entregue ao Filho transforma-a em sua discípula.

O pedido feito por seu Filho “estabelece o lugar que Maria adquire na vida dos discípulos de Cristo e manifesta a sua nova maternidade como mãe do Redentor: a maternidade espiritual” (JOÃO PAULO II, *op. cit.* n. 45). Na cruz, o sofrimento de Jesus era o sofrimento de sua mãe. Ela comunga com a sua dor, com sua entrega, com a sua *kénosis*. Maria, tendo entregue o seu Filho ao mundo, entrega-se à Igreja nascente e se torna a sua Mãe.

Durante o Concílio Vaticano II, Paulo VI proclamou Maria como “Mãe da Igreja”. O discípulo amado, assim como a Igreja nascente, encontra em Maria a mãe da humanidade. Assim, ela que sempre guardou em seu coração o que não compreendia sobre o seu Filho e sobre o que dele falavam, aguarda junto com a Igreja interpretar os acontecimentos vividos, resgatando em sua memória o que Deus deixou de si, não somente nela, mas no povo que ela representa. Assim ela vai atualizando os gestos concretos de Deus junto ao seu povo.

4 Maria acolhe o Espírito Santo

A promessa de Jesus é de uma impressionante clareza: “Recebereis o Espírito Santo” (At 1,8), a força que garante a eficácia da própria atividade. Na Igreja nascente, em Jerusalém, Maria se torna o seu sustentáculo. Maria recebe o título de “Mãe da Igreja”, no entanto não é apenas um título. Ela é presença constante no desenvolvimento e fortalecimento da Igreja. Lucas informa que ela ‘gerou’ a Igreja enquanto se encontrava em oração (At 1,14). No cenáculo ela consola, anima e orienta os que serão testemunhas de Jesus. Com sua presença ela revela Cristo e o Espírito Santo.

Maria participa de Pentecostes (At 1,13s.2,1). O Espírito derramado sobre o Povo de Deus se torna fogo que aquece a fé, energia que impulsiona o seguimento de Jesus. Maria tem especial intimidade com o Espírito Santo, que a fecundou para o nascimento de Jesus e transformou a comunidade em Pentecostes. Alguns místicos chamam Maria de “esposa do Espírito. (MURAD, 2012, p. 140)

Há uma relação mútua entre o Espírito Santo e Maria. O Espírito Santo, fecundante de Deus, torna Maria Mãe de seu Filho. Maria se torna aquela que revela e atualiza um traço radical do mistério do Espírito. Segundo Pikaza, “Maria oferece ao Espírito de Deus um campo de realização e fecundidade. Somente por sua colaboração e transparência, o Espírito começa a ser, em plenitude, o campo de mistério e vida em que Cristo surge”. (1987, p. 42).

Pentecostes está carregado pelo mesmo mistério que envolveu Maria na anunciação, quando foi fecundada pelo Espírito Santo, quando a ajudou a suportar todas as incertezas, quando a sustentou diante da cruz do seu Filho; é o mesmo Espírito que vem habitar a Igreja.

A Virgem do cenáculo é a mulher do *Magnificat*, o hino da experiência de Deus transcendente e condescendente, misericordioso e fiel às suas promessas. “Maria foi mãe, companheira e serva do Senhor, tornando-se assim para nós mãe, na ordem da graça”. (CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 63).

Maria, a “Mãe-Igreja, e, ao mesmo tempo, a “Mãe da Igreja” – ela pode ser as duas coisas, uma vez que, ao pé da cruz, junto ao discípulo amado, tornou-se a imagem e a célula originais da comunidade fundada pelo Crucificado, e ao mesmo tempo recebeu o apóstolo e, nele, todo os cristãos como filhos –, viveu antecipadamente, na discreta reclusão de sua vida terrena, tudo aquilo que os seus filhos mais tarde viverão, na forma de agruras e consolos ao longo da história (BALTHASAR, 2016, p. 11).

No evento de Pentecoste Maria é percebida em sua autêntica humanidade. O que lhe é singular é o fato de que o Espírito Santo não faz nada além de mostrar-lhe o conteúdo de sua própria experiência, presente em sua memória, em sua história.

Quando Paulo chama a atenção dos cristãos da comunidade de Timóteo sobre o dom de Deus que haviam recebido, ele diz: “Eu te exorto a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste.... Pois, Deus não nos deu um espírito

de timidez, mas de fortaleza, de amor e de sabedoria” (IITm 1,6-7). Paulo exige dos cristãos, daquela comunidade, a dedicação e a confiança que tinham na promessa de seu Deus.

Recordando a experiência que viveu Maria, em sua completa confiança nas promessas de Deus, mesmo quando se encontrava na mais difícil situação, ela apresenta a necessidade que cada pessoa tem, em deixar-se conduzir pelo Espírito Santo. Em seu diálogo com o anjo, o Espírito de Deus não somente fecundou o seu ventre, mas a sua fé.

Na sua experiência de encontro com o Espírito Santo, Maria “aparece como a figura realizada do ser humano que se deixa moldar pelo Espírito. Nela, o Espírito habita, faz morada, tocando sua corporeidade, sua subjetividade, seus desejos, sua ação” (MURAD, 2012, p. 85).

A sua resposta à ação do Espírito em toda a sua vida, não pode ser vista como uma atitude individualista e espiritualista, pelo contrário, ela torna-se ‘profetiza da justiça e da misericórdia de Deus na história.’ Ela rompe com o paradigma de uma experiência religiosa que ao longo de décadas era vivida, para inserir-se na nova proposta de vida, em seu Filho Jesus.

5 Maria, mãe e discípula

Encontramos, em Maria, uma discípula que escuta e medita os acontecimentos em seu coração. Nada lhe escapa, tudo está permeado pela ação do Espírito Santo, nele ela se sustenta e encontra forças para permanecer em pé e firme na caminhada.

Ela participa da ação criadora de Deus, em seu próprio corpo, e é presença na ação coletiva do Espírito, em Pentecostes. É membro eminente no mistério da encarnação, é membro discreto no mistério da expansão do Espírito a todos os povos.

Aprender com Maria a escutar e a meditar os acontecimentos é ir na contramão da sociedade acelerada em que todos se encontram. No entanto, faz-se necessário sentir a vida com suas nuances para encontrar nela a presença de Deus.

Perceber a necessidade dos outros e estar atenta aos detalhes foram as atitudes de Maria em uma festa de casamento, conhecida como as Bodas de Caná. Nas festas de casamento, que chegavam a durar até sete dias, o vinho era a bebida principal. Nessa, em que eles estavam, com três dias de festa, Maria

percebe a preocupação dos serventes com a iminente falta do vinho (Jo 2,3). Ela vai até Jesus, lhe apresenta a situação e se coloca em uma atitude de espera, de fé. “A Mãe de Cristo se apresenta diante dos homens como porta-voz da vontade do Filho, sinalizando as exigências que devem ser cumpridas para que o poder salvífico do Messias possa manifestar-se” (JOÃO PAULO II, 1987, n. 21).

Voltando aos serventes, Maria diz: “Façam tudo o que ele lhes disser” (Jo 2,5). Ela reúne todos em volta do seu Filho, atentos à sua ação. Sua solicitação aponta para a experiência do seu povo, quando, diante da aliança com Javé, se comprometiam em realizar a sua vontade (Ex 24,3).

Jesus atende ao pedido de sua mãe, realizando mais do que lhe foi pedido: a água transformada em vinho é o de melhor sabor e em abundância. Maravilhados com o que acabara de acontecer, “os seus discípulos creram nele” (Jo 2,11). Depois disso, saíram todos juntos, Jesus, os discípulos e a sua mãe (Jo 2, 12).

Nessa ocasião, ela é a ligação entre o Filho e todos os envolvidos, colocando-se entre eles, como sua intercessora, ela assume a função de mãe, consciente de que pode lembrar ao Filho as necessidades dos seres humanos. Segundo São Bernardo, “Maria é o ‘caminho real’, através do qual Deus veio até nós e através do qual nós podemos agora caminhar na sua direção” (1966, p. 174). Ele é o vinho da Nova Aliança que restabelece a relação com o ser humano. Maria ocupa o lugar que antes era dos patriarcas e profetas; ela convoca a todos para acolherem o apelo de seu Filho. De uma escuta atenta e acolhedora à vontade de Deus em sua vida, no momento da Anunciação, ela se transforma em pedagoga dos cristãos na festa da Nova Aliança.

Descobrimo-nos como discípula de seu Filho, Maria é solidária às dores de seu povo. Como mãe, companheira e irmã, é uma Mestra em despertar o coração de seu Filho, no coração de cada um. Tirando-os da passividade, ela apresenta, com a sua vida, a prontidão do serviço aos demais, o cuidado diante do necessitado, a coragem diante da insegurança e a fé diante da dúvida e da falta de respostas. Maria ensina a viver não como espectador de uma vida que passa, mas como protagonista, como alguém que é capaz de sentir, de saborear e de viver a própria vida. Assumindo a sua história, carrega em si as marcas das dores e da esperança do seu povo. Inserida em seu contexto religioso e social, ampara em seu itinerário de fé todas essas realidades. E assim, diante de Deus ela é uma pessoa que, por muitas vezes, não entendeu o que se passava consigo e com o seu Filho, manteve-se firme confiante nas promessas de seu Deus. Uma confiança que não deve ser vista como passividade, mas como uma espera ativa e transformadora.

Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem imperceptíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai “às pressas” (Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d’Ela um modelo eclesial para a evangelização. (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 288).

A mãe de Jesus, Maria, é um dom de Deus para a Igreja. Ela é sinal de esperança para todos. Ela reúne todos que a procuram ao redor do seu Filho. Maria que soube guardar todas as coisas em seu coração, reconhece os vestígios do Espírito Santo no mundo e na vida e cada um.

Conclusão

Encontramos uma mulher que se tornou discípula, serva de seu Filho e peregrina com a Igreja. Seu discipulado é exemplo, para o ser humano, da possibilidade de ser tocado pelo Espírito, de ser preenchido pela graça divina, de ser templo do Espírito Santo.

Nela, o silêncio fecunda a palavra e transforma a ação. Com ela, a Igreja segue peregrina, procurando manter-se firme diante do olhar e das palavras de seu Filho, vinho da Nova Aliança.

Aquela que se colocou diante de Deus, na inteireza do seu ser, foi se transformando em uma mulher cada vez mais consciente de seu papel diante e dos desígnios de Deus para sua vida e para o seu povo. Nela é possível contemplar a ação de Deus.

Todos os que encontram em Maria uma maternidade espiritual, aproximam-se dela por meio do seu Filho, no reconhecimento de sua humanidade e de sua historicidade. Faz-se necessário considerara sua fragilidade carregada de coragem, acolhendo-a como alguém que tem uma história, que vai descobrindo-se como serva e mãe de seu Filho, como uma discípula que ouve e medita, como uma peregrina na fé, como uma mulher perseverante no amor de seu Filho até a cruz, como mestra e mãe da comunidade.

Reconhecer a humanidade e a historicidade da mãe de Jesus aproxima seu testemunho da vida de todos os que desejam se tornar discípulos de seu Filho. Maria está inseparável da pessoa e do anúncio de Jesus, ela é toda de Deus. Entregue a Ele, torna-se o ícone do ser humano na sua confiança a Deus que se revela, na história de cada um, para todos.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulinas, 2. ed., 1986.
- BALTHASAR, Hans Urs Von. *Maria para hoje*. São Paulo: Paulus, 2016.
- BENTO XVI, Papa. *A filha de Sião: a devoção mariana na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2013.
- BERNARDO, São. *I discurso para o advento*, 5, Obras. Roma: Ed. Cisterciense, 1966.
- BOFF, Lina. *Como tudo começou com Maria de Nazaré*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- CRUZ, São João. *Obras completas*. Dichos de luz e amor. Madri: BAC, 1957.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Constituição dogmática. São Paulo: Paulus, 1997.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica. São Paulo: Loyola, 2013.
- GIOIA, Francesco. *Maria, Mãe da Palavra*. Modelo de diálogo entre as religiões. São Paulo: Editora Ave Maria, 1998.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Redemptoris Mater*. Encíclica. São Paulo: Loyola, 1987.
- MARCHESI, G. *Palavra e silêncio diante do mistério de Deus*. Civiltà Cattolica, 1987.
- MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana*: Compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.
- PAULO VI, Papa. *Ecclesiam suam*. Encíclica. In: Documentos de Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1997.
- PIKAZA, Xabier. *Maria e o Espírito Santo*. Notas para um mariologia pneumatológica. São Paulo: Loyola, 1987.
- RAVASI, G. *A árvore de Maria*. Trinta e um “ícones” bíblicos marianos. Cinisello Balsamo: Paulinas, 1989.
- THURIAN, M. *Maria, mãe do Senhor, imagem da Igreja*. Brescia: Mocellinana, 1964.

Artigo recebido em 30/10/2017 e aprovado para publicação em 23/11/2017

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-5>

Como citar:

RONSI, Francieleide de Queiroz. Maria, mulher toda de Deus. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 93-106, jan./jun. 2018. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>.